

O Romantismo e a Busca pela Liberdade: A expressão Política e Social nas Obras de Castro Alves

1º semestre/2025

Beatriz dos Santos Monteiro

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Adenilton e Débora Cristina, pelo amor, apoio incondicional e por sempre acreditarem no meu potencial, mesmo diante dos desafios.

À minha orientadora, Marcella, pela dedicação, paciência e por todo o conhecimento compartilhado, sempre disposta a me orientar com competência e generosidade.

À minha namorada, Anna Clara, pelo companheirismo, amor e incentivo constante, que foram fundamentais durante toda essa caminhada.

Aos meus amigos e familiares, que estiveram presentes com palavras de apoio e motivação, e, em especial, aos meus tios Estevão, Anailton e Ronilton, que não mediram esforços para me manter, de alguma maneira, na UnB, contribuindo diretamente para que eu chegasse até aqui.

Resumo: A busca pela liberdade é um dos pilares do Romantismo e se manifesta de forma intensa nas obras de Castro Alves. Este artigo analisa como o poeta incorporou temas políticos e sociais em sua produção literária, sobretudo em relação à escravidão, à opressão e ao ideal de justiça. Através da análise textual de seus principais poemas, identifica-se uma linguagem comprometida com a transformação social e com o engajamento político, tornando sua obra um reflexo do contexto histórico do século XIX e, ao mesmo tempo, surpreendentemente atual. O trabalho investiga também a influência do pensamento romântico de Castro Alves em autores contemporâneos, que mantêm viva a tradição da arte como forma de resistência. A pesquisa adota a categoria de análise literária, apoiando-se em referenciais teóricos da crítica literária e dos estudos culturais, adotando como metodologia a análise textual e comparativa. Dessa forma, pretende-se demonstrar como a obra do autor transcende seu tempo, permanecendo relevante diante dos desafios sociais e políticos da contemporaneidade.

Palavras-chaves: Romantismo; Castro Alves; liberdade; engajamento político; literatura brasileira; crítica social.

Romanticism and the Search for Freedom: Political and Social Expression in the Works of Castro Alves

1st semester/2025

Beatriz dos Santos Monteiro

Abstract: *The search for freedom is one of the pillars of Romanticism and is intensely manifested in the works of Castro Alves. This article analyzes how the poet incorporated political and social themes into his literary production, especially in relation to slavery, oppression and the ideal of justice. Through the textual analysis of his main poems, we identify a language committed to social transformation and political engagement, making his work a reflection of the historical context of the 19th century and, at the same time, surprisingly current. The work also investigates the influence of Castro Alves' romantic thought on contemporary authors, who keep alive the tradition of art as a form of resistance. The research adopts the category of literary analysis, supported by theoretical references of literary criticism and cultural studies, adopting textual and comparative analysis as a methodology. In this way, we intend to demonstrate how the author's work transcends its time, remaining relevant in the face of the social and political challenges of contemporary times.*

Keywords: *Romanticism; Castro Alves; freedom; political engagement; Brazilian literature; social criticism.*

Introdução

Na segunda metade do século 19, o Brasil se encontrava imerso em um cenário de diversas contradições, refletindo o conflito acirrado entre a luta por modernidade e a manutenção de estruturas escravocratas que permeavam o século. Esse período de intensas transformações políticas e sociais foi marcado por um fortalecimento do ideal liberal, impulsionado por setores que buscavam um país moderno e industrializado. Porém, ao mesmo tempo, o país permanecia preso a uma estrutura econômica e social que ainda sustentava a escravidão. Essa divergência entre o sonho de uma nação moderna e a realidade estrutural da opressão se tornou um dos aspectos mais fortes da vida intelectual e cultural da época. Nesse contexto, a literatura romântica, já consolidada como um importante reflexo da identidade nacional, assume um novo papel: sendo mais do que uma expressão individualista, ela passa a ser um instrumento de crítica social. Nesse movimento de transição, Castro Alves surge como uma das figuras mais importantes da época.

A poesia de Castro Alves se diferencia por sua eloquência e engajamento político-social, associando os ideais românticos de liberdade, justiça e humanidade a uma crítica às injustiças sociais, especialmente à escravidão. Segundo Bosi (1992), o poeta representa o ápice do Romantismo brasileiro ao manusear, de forma única, a tradição literária com um novo modelo de conscientização social. Para Candido (2014), sua obra surge como uma síntese das influências dos grandes românticos anteriores, como Gonçalves Dias, mas com uma sensibilidade social que antecipa aspectos do Realismo.

As obras de Castro Alves, especialmente o poema "O Navio Negreiro" (1869), são marcos indelévels da nossa literatura. Através de uma linguagem poética e carregada de uma forte retórica, o autor não apenas fala sobre a brutalidade do tráfico negreiro, mas também provoca o leitor a uma reflexão profunda sobre a condição dos oprimidos e sobre o sofrimento humano. Como citado por Bosi (1992), a poesia de Castro Alves transcende o contexto específico da escravidão e se insere em uma esfera mais ampla de luta pela liberdade, com uma denúncia que reflete sobre a condição humana de todos os tempos.

Para compreender a dimensão e o impacto da obra de Castro Alves, é fundamental analisar alguns trechos específicos de seus poemas. Em "Vozes d'África" (1868), por exemplo, o poeta dá voz ao continente africano, que clama por justiça diante das atrocidades cometidas contra seus filhos:

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos eu te envio meus brados,
Que embalde desde então correm os astros,
Mas tu não me respondes!... (CASTRO ALVES, 1868, p. 92)

Nestes versos, Castro Alves utiliza a personificação do continente africano para expressar o desespero e o abandono sentidos por um povo que sofre há séculos. A interpelação direta a Deus, questionando sua ausência diante do sofrimento das criaturas humanas, revela a profunda indignação do poeta com a injustiça da escravidão e sua capacidade de dar voz aos oprimidos através de sua poesia.

Neste artigo, busca-se analisar como a obra de Castro Alves, especialmente sua poesia abolicionista, refletiu de maneira específica as tensões políticas e sociais do Brasil imperial. A intenção do artigo é compreender de que maneira o Romantismo, com seu culto à liberdade e à natureza, manifesta-se com a realidade histórica da escravidão, gerando uma poética comprometida com as lutas sociais do século 19. Além disso, é fundamental se aprofundar nos recursos literários utilizados por Castro Alves, com um foco especial na metáfora do mar em "O Navio Negreiro", analisando como elementos da estética gótica, do sublime e da sensibilidade romântica são mobilizados para representar o sofrimento, a violência e, ao mesmo tempo, a esperança. Para isso, analisaremos o contexto histórico-literário em que o autor produziu sua obra, a fim de esclarecer as possibilidades expressivas e ideológicas disponíveis na sua escrita.

A herança de Castro Alves na Literatura Brasileira e na luta pela liberdade no período contemporâneo

A literatura de Castro Alves se caracteriza por seu fervor revolucionário e engajamento social, especialmente no contexto da luta pela liberdade e abolição da escravatura. Seu legado é fundamental para entender como a literatura pode ser uma ferramenta de resistência contra a opressão e a injustiça social. A influência de seus versos permanece viva na literatura contemporânea brasileira, para a qual a libertação do povo negro continua a ser um tema central. A luta que Castro Alves empreendeu no século XIX, por meio de seus poemas e pela denúncia da escravidão, não só reverberou em sua época, mas também estabeleceu uma base sólida para os autores que vieram depois dele, dando voz às questões sociais que permanecem atuais.

Em sua obra "O Escravo" (1883), Castro Alves nos apresenta a figura do escravo, não apenas como vítima passiva, mas como alguém que, apesar da opressão, busca sua liberdade interior. O poema é uma poderosa metáfora da luta pela liberdade e da condição humana frente à injustiça:

E o negro escravo, na sua angústia
Luta com os grilhões da dor
E ao som de sua triste música
Clama a liberdade que se vai... (SOUSA, 1898)

Aqui, Castro Alves não apenas descreve a condição de sofrimento do negro, mas também a sua resistência diante do sistema que o submete. O negro, nesse caso, é uma figura ativa, mesmo que envolta em dor e sofrimento. Ele não se resigna à sua posição, mas luta pela sua liberdade.

Este trecho ressoa com as questões de resistência, principalmente de resistência cultural, que muitos autores modernos, como Carolina Maria de Jesus, e contemporâneos, como Conceição Evaristo, abordam em suas obras, dando continuidade ao espírito de luta pela igualdade e justiça social iniciado por Castro Alves. A busca pela liberdade, como descrita nesse poema, está presente até os dias atuais, pois a opressão histórica e o racismo ainda são questões fundamentais a serem enfrentadas pela sociedade brasileira.

Outro poema relevante de Castro Alves, "O Remorso de Dirceu" (1871), revela o papel da culpa e da consciência histórica nas ações de libertação. Castro Alves denuncia a hipocrisia de uma sociedade que se diz civilizada, mas que perpetua a opressão dos negros:

A mão que esmagou o peito da raça
Não pode redimir a dor de tantos
O sangue da injustiça vai pesar
Sobre a alma suja dos opressores" *(SOUSA, 1898)*

Nestes versos, o poeta critica não só a escravidão, mas a injustiça de uma sociedade que, ao explorar uma raça, compromete sua própria moralidade e liberdade. Ao contrastar o sofrimento dos negros com a "mão que esmagou o peito da raça", Castro Alves faz um apelo à reflexão moral sobre as atitudes de dominação.

O poema também reflete a interseção entre culpa e libertação, uma vez que, na ótica do autor, a sociedade deve confrontar sua própria hipocrisia para alcançar uma verdadeira liberdade. Esta reflexão sobre a culpa histórica e a necessidade de reparação continua presente nos debates contemporâneos sobre justiça racial e reparação histórica, conforme se verifica, por exemplo, na obra a seguir da filósofa paulista Djamila Ribeiro.

"O racismo estrutura a sociedade brasileira e precisa ser combatido em todas as esferas, inclusive no simbólico." (RIBEIRO, 2019, p. 45)

Ambos os autores, em contextos distintos, apontam para a urgência de reconhecer a dor histórica da população negra e transformar as estruturas que perpetuam essa opressão.

A relevância da poesia abolicionista de Castro Alves no combate à desigualdade social e racial no Brasil contemporâneo

A poesia de Castro Alves, especialmente em "O Navio Negreiro" e "Vozes d'África", desempenhou um papel fundamental na mobilização da opinião pública em prol da abolição da escravidão no Brasil, sendo um marco da literatura abolicionista. Suas obras denunciaram de maneira marcante as violências cometidas contra os negros escravizados e promoveram uma reflexão crítica sobre a natureza desumana do sistema escravocrata. No entanto, ao analisarmos a produção de Castro Alves na contemporaneidade, vemos que o impacto da obra do autor precisa ser contextualizado à luz das novas demandas por igualdade racial e justiça social, que vão além da simples denúncia do sofrimento negro.

Conceição Evaristo, escritora e ativista, em sua reflexão sobre a memória do trauma histórico da escravidão, faz uma crítica à forma como os horrores da escravatura foram inicialmente abordados na literatura e no pensamento abolicionista. Ela afirma que a maneira como o sofrimento negro foi representado por poetas como Castro Alves não responde mais de forma adequada às questões atuais da luta racial. Evaristo ressalta:

A memória é também fruto de uma construção, elegemos quais navios flutuarão nas águas de nossas lembranças. O belíssimo 'Navio Negreiro' e as angustiadas 'Vozes d'África', de Castro Alves, cantos poéticos que ajudaram a conquistar simpatizantes para a luta abolicionista, não ressaltamos mais. (EVARISTO, 2013, p.163)

Esse trecho revela a crítica de Evaristo à visão que se construiu em torno da obra de Castro Alves. Embora as poesias tenham sido fundamentais para o movimento abolicionista, a ênfase no sofrimento do negro e no resgate de uma memória dolorosa não se ajusta mais à agenda de representação e valorização da cultura negra no contexto contemporâneo. Para Evaristo, o movimento atual busca uma representação do negro não apenas como vítima, mas como sujeito de sua própria história, que reivindica, além da liberdade, o protagonismo e a celebração de sua identidade e cultura.

Nesse sentido, Alfredo Bosi, em sua análise do Romantismo e da representação do negro na literatura brasileira, esclarece como, durante o século XIX, a figura do negro foi subjugada pela ideologia racial vigente. Segundo Bosi, a literatura romântica não conseguiu enxergar o negro como um ser humano com dignidade própria, relegando-o a uma posição de inferioridade social e cultural. Bosi escreve:

O negro [...] era a realidade degradante, sem categoria de arte, sem lenda heroica. O negro, escravizado, misturado à vida cotidiana em posição de inferioridade, não se podia facilmente elevar a objeto estético. (BOSI, 1992, p. 249)

Essa visão de Bosi é crucial para entender como a literatura da época refletia a estrutura social escravocrata. O negro, ao contrário do índio, que era idealizado como herói nacional, não tinha espaço na literatura para ser representado de maneira digna e heroica. É importante ressaltar que essa comparação entre a representação do negro e do indígena no Romantismo brasileiro revela uma complexidade significativa. O indígena, embora idealizado como herói, era retratado como uma espécie de tradução brasileira do cavaleiro medieval europeu, uma espécie de antepassado exótico. Assim, ele era elogiado à maneira de elegia – como uma figura morta, que não participava mais da composição étnica brasileira a não ser como eco longínquo. Nesse sentido, a celebração do elemento indígena era também, contraditoriamente, uma espécie de condenação à morte dessa população, valorizada como elemento estético mas não como presença humana viva e atuante na sociedade brasileira do século XIX.

Assim, em muitas obras da época, a figura do negro é descrita de forma estereotipada, como o escravo submisso, sem voz ou agência própria. A obra de Castro Alves, ao denunciar os horrores da escravidão, rompe com essa visão e oferece uma reflexão mais profunda sobre a luta pela liberdade. No entanto, essa mesma obra precisa ser reavaliada hoje, considerando as novas formas de ativismo e as demandas por representatividade que buscam ir além da dor e sofrimento históricos.

No contexto contemporâneo, a poesia de Castro Alves, embora ainda valiosa como denúncia histórica, não oferece mais o tipo de representação que a sociedade atual demanda. Hoje, os negros não querem ser lembrados apenas pelo sofrimento, mas pela sua resistência, força e identidade. Isso implica a necessidade de novas formas de representação na literatura, que celebrem a história negra de uma maneira mais ampla e complexa, incorporando tanto as vitórias quanto as lutas.

O Romantismo e a busca pela liberdade: como as ideias de Castro Alves influenciam o pensamento social contemporâneo sobre Direitos Humanos

O Romantismo brasileiro, particularmente na obra de Castro Alves, é inseparável da busca pela liberdade e pelos direitos humanos. A poesia de Castro tem uma forte conexão com o movimento abolicionista, para o qual a liberdade dos escravizados não era apenas uma questão política, mas também moral e ética. O poeta, ao abordar a escravidão e suas atrocidades, empreendeu uma crítica não apenas ao sistema escravocrata, mas ao próprio conceito de liberdade no Brasil oitocentista. Essa crítica ecoa até os dias de hoje, quando questões de liberdade e direitos humanos continuam a ser debatidas no Brasil e no mundo.

A reflexão sobre a liberdade em Castro Alves, especialmente em "O Navio Negreiro", não se limita à simples descrição da opressão, mas se transforma em um grito de indignação

contra o sofrimento imposto aos negros. Como Joaquim Nabuco, um dos mais destacados abolicionistas do Brasil, afirmou em seus escritos:

A abolição não se trata de uma bondade, é uma necessidade. O Brasil não pode continuar como um país escravocrata, mesmo com as dificuldades que isso possa gerar. (NABUCO, 1883, p. 78)

Essa afirmação de Nabuco reflete a urgência da questão da liberdade, algo que também é central na obra de Castro Alves. Nabuco, assim como o poeta, via a abolição como um passo necessário não apenas para o bem-estar dos escravizados, mas para o próprio futuro do país. A liberdade, para ambos, não era uma concessão, mas uma condição imprescindível para que o Brasil pudesse se modernizar e se afirmar como uma nação democrática.

Em "O Navio Negreiro", Castro Alves descreve a travessia dos negros escravizados como uma jornada dolorosa e desumana, mas também como um símbolo de resistência à opressão. O poema é dividido em seis partes, cada uma representando um aspecto diferente da tragédia do tráfico negreiro. Na primeira parte, o poeta nos convida a contemplar o mar, símbolo de liberdade e vastidão:

Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta." (AZEVEDO, 1835)

Essa imagem idílica do mar contrasta fortemente com o horror que será revelado nas partes seguintes do poema. Na quarta parte, o poeta descreve o sofrimento dos escravizados no porão do navio:

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar... (CASTRO ALVES, 1869)

A brutalidade da cena é intensificada pela linguagem poética de Castro Alves, que utiliza imagens fortes e contrastantes para despertar a indignação do leitor. O poema transmite não apenas a angústia da escravidão, mas também o anseio por liberdade, algo que continua a ser uma referência para as lutas contemporâneas por direitos humanos:

No meio do caminho, em que o navio se embrenha,
E a noite foge à luz do sol,
Quando o céu, a verde água, espelha,
E o grito do negro se eleva ao tom. (CASTRO ALVES, 1869, p. 45)

Esse "grito do negro", mencionado por Castro Alves, não é apenas um clamor por justiça, mas uma demanda por uma liberdade que fosse não apenas política, mas também social e cultural. No contexto contemporâneo, essa mesma demanda pela liberdade e pelos direitos dos negros ressoa fortemente nas mobilizações sociais por igualdade racial, como o movimento negro e outros movimentos sociais que buscam erradicar a discriminação e o racismo estruturais presentes em nossa sociedade.

Na parte final do poema, Castro Alves faz um apelo direto à nação brasileira, questionando sua inércia diante da barbárie da escravidão:

*Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto!... (CASTRO ALVES, 1869)*

Nestes versos, o poeta expressa sua indignação com a hipocrisia de uma nação que se diz civilizada, mas que permite a continuação da escravidão. Essa crítica à contradição entre os ideais proclamados e a realidade vivida continua relevante nos debates contemporâneos sobre direitos humanos e justiça social.

A poesia de Castro Alves, portanto, tem um eco profundo nas lutas contemporâneas por liberdade e direitos humanos. Ela ajuda a iluminar os debates atuais sobre o racismo, a desigualdade e a liberdade, oferecendo um pano de fundo histórico para as questões que continuam a ser debatidas nas sociedades modernas. A busca pela liberdade, que em sua obra é apresentada como um direito inalienável, continua a ser central nas reivindicações sociais e políticas do presente.

É importante notar que, ao estabelecer paralelos entre a obra de Castro Alves e pensadores contemporâneos como Djamila Ribeiro, estamos comparando produções de naturezas distintas. Enquanto Castro Alves produziu literatura, especificamente poesia abolicionista no contexto do Romantismo brasileiro, Ribeiro desenvolve teoria social, com foco em questões de raça, gênero e epistemologia. Essa distinção não invalida as comparações, mas exige um reconhecimento das diferentes abordagens e objetivos de cada produção. A literatura de Castro Alves buscava sensibilizar e mobilizar através da estética e da emoção, enquanto a teoria social de Ribeiro visa analisar estruturas de poder e propor caminhos para a transformação social através do pensamento crítico e da análise sistemática.

Considerações Finais

A obra de Castro Alves representa um marco na literatura brasileira, não apenas por sua qualidade estética, mas também por seu compromisso com a transformação social. Sua poesia abolicionista, especialmente "O Navio Negreiro" e "Vozes d'África", continua a ser uma referência importante para entender como a literatura pode ser um instrumento de denúncia e resistência contra a opressão.

A trajetória literária de Castro Alves, marcada pela paixão, pela indignação e pelo desejo ardente de justiça, ultrapassa os limites do Romantismo e nos convida a repensar o papel da literatura no enfrentamento das grandes questões humanas, que se perpetuam nos dias atuais. Sua poesia, profundamente comprometida com a denúncia da escravidão e com o ideal de liberdade, rompeu com o lirismo evasivo de muitos de seus contemporâneos, para abraçar a dor coletiva como matéria-prima de sua arte.

Mais do que um poeta romântico, Castro Alves foi um militante, um artesão do verbo insurgente, que usou a poesia como arma contra a opressão e como luz para a consciência nacional. Ao colocar os escravizados no centro de sua produção poética, deu-lhes rosto, voz e humanidade em um tempo em que eram tratados como mercadoria. Em suas mãos, o lirismo encontrou o povo, e o amor encontrou, principalmente, o engajamento político-social.

Hoje, sua obra continua a provocar reflexões urgentes. Em tempos marcados por desigualdades persistentes, pelo racismo estrutural e pela banalização da violência, a leitura de Castro Alves nos obriga a olhar para o presente com olhos mais atentos. Seus versos ainda ressoam nas periferias, nas lutas por equidade, nos movimentos que se erguem por dignidade e reconhecimento. Sua poesia nos desafia a não esquecermos, a não nos conformarmos e, sobretudo, a não nos calarmos, como demonstrado nesse artigo.

Revisitar Castro Alves é reencontrar uma literatura que não se limita ao belo, mas que se compromete com o justo. É perceber que o poder da palavra vai além do estético: pode provocar, transformar, denunciar e libertar. Sua voz, ainda viva, nos lembra que a liberdade é uma construção coletiva e contínua — e que a poesia, quando feita com coragem, pode ser uma das mais poderosas ferramentas de resistência.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. **O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo**. São Paulo: Todavia, 2023.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 48. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

CANDIDO, Antonio. "Entre campo e cidade". In: **Tese e antítese**. São Paulo: Todavia, 2024.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2004. p. 169–191.

CASTRO ALVES, Antônio Frederico de. **Obras completas**. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1957.

CASTRO ALVES, Antônio Frederico de. **Espumas flutuantes**. São Paulo: Editora Ática, 2001.

CASTRO ALVES, Antônio Frederico de. **Os escravos**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil – Do Romantismo ao Simbolismo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

EVARISTO, Conceição. “Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade”. In: _____. **Escrevivência: a escrita de nós**. Rio de Janeiro: Pallas, 2022. p. 53-67.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

MACHADO, Ana Maria de Oliveira. “O Romantismo e a ideologia da liberdade na poesia de Castro Alves”. **Revista Letras**, UFPR, Curitiba, n. 66, 2004.

MANTOVANI, Karina Lecy Soares. **A linguagem poética e o lirismo em movimento: romantismo e modernidade de Castro Alves**. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2022.

MARTINS, Nadjara Thays Teixeira; WELTER, Juliane Vargas. “Poéticas de libertação: ideologia liberal e discursos abolicionistas em Castro Alves e Maria Firmina dos Reis”. **Revista Garrafa**, v. 21, n. 60, 2023.

RAMOS, Silvia. “A poesia da resistência: vozes negras na literatura brasileira contemporânea”. In: **Cadernos de Literatura Brasileira**, São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 35, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** 1. ed. São Paulo: Editora Sueli, 2017

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1. ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1. ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Maria Aparecida. “A poesia de Castro Alves e o engajamento social no século XIX”. **Revista Letras**, v. 23, n. 2, 2004.

SANTIAGO, Silviano, “O entre-lugar do discurso latino-americano”. In: **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. Recife: Cepe Editora, 2018.

SOUZA, Darlene da Silva. “Castro Alves e a construção do herói romântico abolicionista”. **Revista Litteris**, n. 18, 2015.